

DESIGUALDADE

Pobreza sofre maior queda em 10 anos

Estudo da FGV mostra que entre 2003 e 2005 o Brasil registrou a maior queda no nível de pobreza dos últimos 10 anos. O recuo foi de 28,2% para 22,7%, uma diminuição de 19,18%. No Distrito Federal, a redução ocorrida entre 2003 e 2004 foi ainda maior que a média nacional: atingiu 15,6%, enquanto no país cedeu 10,28%.

Miséria no Distrito Federal cai 15,6%, mais que a média nacional de 2004 para 2005, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas. É o melhor número registrado desde 1998, mas não atinge a marca de 1995

DF menos pobre

EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O nível de pobreza no Distrito Federal caiu em um ritmo muito mais acelerado do que a média nacional nos últimos dois anos. De 2004 para 2005, a queda chegou a 15,6% no DF; enquanto no país cedeu 10,28%. No período anterior, o recuo foi de 16,07% e de 9,9%, respectivamente. Essa constatação faz parte do estudo Miséria, Desigualdade e Estabilidade: o Segundo Real, elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base em dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A análise, divulgada ontem pela FGV, mostra que a miséria atingia 14,46% dos moradores do DF em 2005 — o melhor número já registrado desde 1998 — ante 17,13% de 2004.

Apesar da queda, o número local continua acima dos dados apurados em 1995 (13,04%) — período em que houve uma forte redução da miséria devido à queda da inflação e à estabilidade no país. Esse movimento pode ser justificado, segundo o professor de economia da Universidade de Brasília (UnB) Roberto Piscitelli, pela proliferação dos assentamentos na capital federal, além da migração de pessoas sem qualificação.

Na média nacional, 22,77% dos brasileiros ainda vivem na pobreza — o melhor número desde 1992 (35,16%) — ou o equivalente a 42,6 milhões de pessoas. Em 2004, esse valor correspondia a 25,38%. "Isso é uma reprise da situação de 10 anos atrás e que houve uma redução substancial da pobreza com a implementação do Plano Real", afirmou Piscitelli. A pesquisa da FGV mostra que o DF continua com a maior renda apurada em todo o país. Enquanto a média nacional é de R\$ 437,44, a renda no DF chega a R\$ 831,68.

Recuperação

A melhora na qualidade de vida dos brasileiros está diretamente ligada aos programas de transferência de renda, redução do desemprego e ao reajuste do salário mínimo acima da inflação. No caso específico do Distrito Federal, segundo o analista do Conselho Regional de Economia (Corecon) do DF, José Luiz Pagnussat, o ritmo de redução da miséria superior à média nacional também se deve ao fato da recuperação salarial dos servidores públicos.

"A recuperação da renda do servidor público tem impacto direto na vida dos demais assalariados e prestadores de serviços", afirma Pagnussat. Ele destacou que entre 1997 e 2002, a

renda desses trabalhadores ficou praticamente estável e, conseqüentemente, houve um aumento da miséria na região. "A partir de 2003, o aumento real do salário do servidor fortaleceu a ampliação de empregos, como os de empregadas domésticas, e elevou a renda daqueles com menor qualificação", explicou o economista.

O professor Roberto Piscitelli ficou inconformado com o fato de a miséria no Distrito Federal ainda ser superior ao número apurado em 1995, enquanto a média nacional é a melhor desde 1992. "Os números locais da pesquisa acompanham o nacional. Eles só não são tão favoráveis por causa da criação de novas cidades no DF", destacou.

“ A RECUPERAÇÃO DA RENDA DO SERVIDOR PÚBLICO TEM IMPACTO DIRETO NA VIDA DE OUTROS ASSALARIADOS ”

*José Luiz Pagnussat,
analista do Conselho
Regional de Economia*

No país, a maior queda em 10 anos

Apesar de a economia brasileira ter crescido apenas 2,3% no ano passado, o percentual de pessoas vivendo abaixo da linha de miséria (menos de R\$ 121 por mês) caiu 10,3%, a maior redução dos últimos 10 anos. De acordo com o estudo divulgado ontem pela FGV, entre 2004 e 2005 o percentual de brasileiros abaixo da linha de miséria caiu de 25,38% para 22,77%. Conforme o *Correio* antecipou na edição de ontem, nos três primeiros anos do governo Lula a miséria caiu 19,5%, mais do que o recuo de 18,4% registrado no auge do Plano Real, entre 1993 e

1995. Apesar da queda, ressalta o estudo, 42,6 milhões ainda vivem na miséria no país, uma massa de cidadãos maior que as populações de países como Espanha (40,4 milhões) ou Argentina (39,9 milhões).

A pobreza continua maior no campo, onde 45,74% da população está abaixo da linha divisória. Nas cidades, o índice cai para 20,37%. Nas regiões metropolitanas, recua ainda mais, para 16,22%. De 1992, quando a Pnad começou a ser feita, e 2005, a miséria no país encolheu 35,1%. O recuo mais forte se deu na área urbana (35,3%). Nas re-

giões rurais, o índice de miséria caiu 28,1%. O menor avanço ocorreu nas metrópoles: 22,8%.

"A década passada foi a da estabilização monetária e da universalização da educação. Com essas bases, estamos colhendo agora uma melhor distribuição de renda, fruto não do crescimento da economia, que vem sendo tímido, mas do combate à desigualdade", define o pesquisador Marcelo Neri, autor do estudo. Para o economista, a melhora do mercado de trabalho, o ganho de renda, os reajustes do salário mínimo e os programas sociais, em especial o Bolsa Fa-

mília, são os responsáveis pela recente queda da miséria.

Embora o bolo esteja mais bem dividido, a desigualdade ainda assusta. Os 1% mais ricos da população dominam 12,9% da renda nacional. Pouco menos do que os 14,1% que estão nas mãos dos 50% mais pobres. Os 10% mais ricos abocanham 45,1% da renda. A faixa intermediária (40% da população) fica com 40,8% da renda. Segundo o estudo, o Brasil é um "país de renda média, uma espécie de Peru, inserido entre a rica Bélgica e a pobre Índia". (Marcelo Tokarski)

Meta está cumprida

Com a redução da pobreza, o Brasil cumpriu uma das oito Metas do Milênio na metade do tempo estabelecido pela Organização das Nações Unidas. Desde 1992, a pobreza extrema caiu para menos da metade, objetivo previsto para ser alcançado em 2015. No ano passado, 5,32% dos brasileiros ganhavam até US\$ 1 por dia, índice que estava em 11,73% no início dos anos 90.

O economista da FGV Marcelo Neri ressalta que o país "fez o dever de casa" não devido a um forte crescimento econômico, mas com base na gradual redução das desigualdades. "O Brasil está reescrevendo sua história. Aos invés de crescer muito e não distribuir renda, estamos crescendo menos, mas dividindo o bolo em mais fatias. Ainda falta muito, mas é um avanço", compara. (MT)